

O CENTENARIO

Para comemorar o 1.º Centenario da Independencia Politica do Brasil houve muito quem pensasse numa Exposição Nacional ; depois numa Continental Americana ; não sei como prevaleceu, em 1921, a idéa de uma Exposição Universal.

Desde logo se tratou do logar onde deveria ser instalada a Exposição ; e, nesta Cidade de 1116 kilometros quadrados, com tanto terreno desocupado, areas vastissimas na zona suburbana — tão necessitada de melhoramentos, teve surto e realização a lembrança de se crear uma superficie nova para o grande certame comemorativo !

O Prefeito, Professor das Escolas Politecnica e Naval, homem instruido, viajado, imaginoso e pratico, dispuzera-se a realizar o muito desejado e necessario arrazamento do “Castélo”, um morro sem higiene, sem estetica, sem utilidade, antes rude obstaculo ao arejamento da zona comercial. Não faltaria onde lançar a terra dêle proveniente ; mas como havia pressa, pareceu mais comodo e expedito lança-la mesmo ali, por assim dizer, no sopé do morro, dentro dagua, na baía do Rio de Janeiro !

A estranheza do publico foi grande ; mas divulgada a noticia de que sobre o terreno com que se ampliase a Avenida Beira-mar (Santa Luzia, Lapa, Gloria) se traçaria, formosa, a “Avenida das Nações” da Grande Exposição do Centenario, a surpresa converteu-se em expectativa. Todos se conformaram.

O desmonte já estava iniciado. O aterro foi-se alastrando. A ponta Leste da Cidade avançou rapido, puxando quinhentos metros na direcção de Vilegagnon. Ao mesmo tempo o Morro da Viuva era contornado por uma bela Avenida talhada no granito : É a Avenida Ruy Barbosa, novo trecho da Avenida Beira-mar. Saneava-se e embelezava-se a Lagoa Rodrigo de Freitas ; canalizava-se o Rio Maracanã, no Engenho Velho, pelo centro de outra

nova Avenida; traçava-se a «Avenida do Exercito», em S. Christovão ; e outras muitas obras simultaneamente se executaram neste ano.

Afluiram trabalhadores de todos os campos, desprezando a Lavoura por amor dos altos salarios que a pressa oferecia. Revezavam-se turmas de milhares de operarios, noite e dia ; e fez-se atabalhoadamente, ofegantemente, dispendiosissimamente, em poucos mezes o que — está fóra de duvida — se podia ter feito com mais tempo, mais estudo, mais calma, mais acerto, e muito menos dinheiro.

*

No dia 7 de Setemro de 1922, sobre o aterro de Santa Luiza, onde fóra a Avenida Wilson, estava lançada, realmente, a Avenida das Nações. Na area que fóra do antigo Arsenal de Guerra avultavam palacios de grandiosa architectura, composição graciosa de artistas nacionaes. Procedeu-se oficialmente á inauguração da Exposição, havendo, apenas prontos, acabados na vespera, o “Palacio das Festas”, e os pavilhões da Belgica, Dinamarca, Inglaterra, França, Japão, e Grandes Industrias Nacionaes. Estavam por acabar, a meio construidos ou apenas esboçados, o Pavilhão dos Estados, o das Pequenas Industrias e o da Estatistica (nacionaes), e os pavilhões do Mexico, dos Estados Unidos da America do Norte, da Argentina, de Portugal, da Suecia, da Noruega, da Italia e da Tcheco-Slovaquia.

*

Ao Rio de Janeiro chegavam diariamente forasteiros do interior e do exterior. Desde Agosto que desembarcavam no Rio de Janeiro representantes diplomaticos de nações amigas. Até 6 de Setembro estavam acreditados junto do Presidente da Republica do Brasil os Delegados Especiaes da Alemanha, Argentina,

Belgica, Bolivia, Bulgaria, Canadá, Chile, China, Colombia, Cuba, Dinamarca, Estados Unidos da America do Norte, Equador, Espanha, Gran-Bretanha, Italia, Japão, Mexico, Nicaragua, Noruega, Paraguay, Perú, Portugal, S. Salvador, Suecia, Suissa, Tcheco-Slováquia, e Uruguay ; assim como o Pontificado Romano.

Foi perante esses diplomatas, e mais estrangeiros e brasileiros distintos que o Sr. Presidente da Republica, no dia 7 de Setembro de 1922, depois de passar Revista ás tropas em Parada, assistio na Praça Deodoro ao desfile das mesmas, vendo-se em primeiro logar os contingentes estrangeiros em fraterno solidariedade com as forças nacionaes :

Marinheiros e soldados navaes dos encouraçados norte-americanos *Maryland* e *Nevada* ;

Marinheiros japonezes dos encouraçados *Iwate*, *Isuno* e *Azuma* ;

Marinheiros ingleses dos encouraçados *Hood* e *Repulse* ;

Marinheiros argentinos do encouraçado *Moreno* ;

Marinheiros Uruguayos do cruzador *Uruguay* ;

Marinheiros portuguezes dos cruzadores *Republica* e *Carvalho Araujo* ; e

Colégio Militar de Mexico.

Cada bandeira era precedida da sua banda de musica. Era um extraordinario e emocionante espectáculo.

Depois desfilaram as forças brasileiras :

Brigada de Marinha, composta da Escola Naval, Marinheiros Nacionaes, Reserva Naval, Tiro Naval de Santos e Batalhão Naval ;

Companhia de Carros de Assalto ; Colégio Militar do Rio de Janeiro, 1.^a Brigada de Infantaria — 1.^o e 2.^o Regimentos de Infantaria, 1.^a Companhia de Metralhadoras ; 2.^a Brigada de Infantaria — 3.^o Regimento de Infantaria, 3.^a Companhia de Metralhadoras Pesadas, 1.^o, 2.^o e 3.^o batalhões de Caçadores, 1.^a Batalhão de Engenharia ; 1.^a Brigada de Artilharia — 1.^o e 5.^o grupos de Artilharia Montada, 1.^o Regimento de Artilharia de Montanha, 15.^o Regimento de Cavalaria Independente. Policia Militar. Total 20.000 homens.

A Parada terminou por uma carga de cavalaria de impressionante efeito.

*

Regressando da Parada o Sr. Presidente da Republica assistio na Prefeitura ao patrio-

tico Juramento da Bandeira pelos alunos das escolas publicas municipaes.

*

As 14 horas o Sr. Presidente recebeu em Palacio os cumprimentos das Embaixadas Estrangeiras em missão especial, Corpo Diplomático, Commissarios Geraes, membros do Congresso Nacional, officiaes de terra e mar, e alto funcionalismo. Era a segunda solenidade importante do dia.

Nesta ocasião Monsenhor Francisco Cherubini, representante de S. S. o Papa Pio XI, e na qualidade de Decano dos Embaixadores em missão especial, assim falou :

“Senhor Presidente ! — É com a maior satisfação que dirijo a palavra a V. Ex. neste dia, que será inscripto em letras de ouro nos annaes do Brasil ; e é para mim uma honra toda particular ser junto a V. Ex., nesta solenidade, o interprete dos meus illustres colégas, embaixadores em missão especial. Considero como a nota mais agradável de minha missão a de trazer, antes de tudo, as mais respeitadas homenagens ao illustre Presidente, que, pelo seu saber, sua actividade, sua habilidade, seu devotamento, dirige o povo brasileiro para os seus gloriosos destinos.

Afirmo — gloriosos destinos ; taes, com efeito, foram sempre os destinos deste grande povo depois da primeira pagina, que escreveu na historia, até a época mais gloriosa ainda da sua independencia ; deste povo que atingio a virilidade sem passar pela infancia.

É um facto conhecido, que em todos os tempos os povos, que não gozaram de liberdade, aspiraram sempre a uma existencia nacional independente e trabalharam com todas as suas forças para a conquistar. Mas, ah ! quanto sangue, quantas lagrimas não custou essa independencia !

Felizmente não aconteceu assim para a Nação Brasileira em 1822.

Porque o povo portuguez, que lhe descobriu o genio e cultivou a nobreza, a considerou antes como filha do que colonia.

Elle lhe deu a educação moral, social, religiosa ; desenvolveu suas excellentes disposições para as artes, sciencias, commercio ; em uma palavra, preparou-a para o dia da emancipação, para o dia da Independencia.

De facto, Sr. Presidente, quando, ás margens do Ypiranga ecoou o grito da liberdade, esta grande Nação obtinha a sua independencia sem derramar uma gota de sangue,

nem mesmo uma lagrima ; porque era o sangue português que corria nas veias do jovem e nobre príncipe que acabava de pronunciar a frase histórica : "Independencia ou Morte !"

Desde então a generosa Nação Brasileira, tão jovem ainda, se lançava sobre o caminho da gloria ou mesmo de todas as glorias.

De José Bonifacio ao Barão do Rio Branco, é toda uma série de passagens illustres, que revelam ao mundo inteiro o desenvolvimento intelectual e ascendente moral desta nobre Nação

A Historia repetirá á Posteridade as paginas sublimes, onde estão escritos em caracteres indeleveis os feitos gloriosos do nobre povo brasileiro.

O grande gesto da Princeza Izabel, proclamando a abolição da escravidão, fez conhecer os sentimentos delicados da civilização e do progresso deste paiz.

Na Conferencia da Paz, em Haya, a delegação brasileira chamou sobre si a atenção universal ; e o nome do eminente jurisconsulto Ruy Barbosa será respeitado tanto pelo historiador como pelo homem de Estado. E na Conferencia de Paris, Sr. Presidente, o tacto e a habilidade com que V. Ex. dirigiu a delegação do Brasil grangearam para V. Ex. as maiores sympathias do estrangeiro, e um lugar de maior realce. É, portanto, justo, Sr. Presidente, que todas as nações estejam aqui representadas nas festas do Centenario da Independencia de sua nobre Patria, e lhe tenham trazido o tributo de sua admiração.

Sr. Presidente ! Em nome de Sua Santidade o Papa Pio XI, em nome dos demais augustos soberanos e chefes de Estado, que temos a honra de aqui representar, nós nos associamos com alegria ás festas, que recordam dias tão gloriosos para o Brasil, e ao mesmo tempo formulamos votos os mais sinceros pela prosperidade, cada vez maior, para a felicidade sempre mais completa, deste nobre paiz.

E, se bem que é da união dos espiritos que resultam os grandes beneficios, peço a Deus realiza-los sempre com vantagem, removendo tudo que lhe possa servir de obstaculo.

Que o Cruzeiro do Sul, que brilha sobre esta terra privilegiada, possa, para o futuro, como no passado não a iluminar senão de cousas nobres, generosas e admiraveis."

*

As 16 horas foi solenemente inaugurada a Exposição. Era a terceira grande solenidade comemorativa.

Na presença dos representantes de nações amigas, Ministerio, militares, magistrados, professores, senhoras, commerciantes, industriaes, congressistas, logo que o Sr. Presidente da Republica declarou aberta a Exposição, o Sr. Ministro do Interior proferio o seguinte discurso :

"Sr. Presidente ! Srs. Embaixadores e Enviados das Nações amigas ! Minhas Senhoras ! Meus Senhores !

O começo do Seculo XX é a época festiva da America Latina, como o começo do seculo dezenove é a época dolorosa das suas lutas pela independencia e pela liberdade.

Dir-se-ia que ela passou cem anos a crescer e a robustecer-se, e agora celebra a sua maioridade no meio das nações mais velhas do mundo, gentilmente associadas a essa comemoração

É tão longa a idade dos povos, que menos de um seculo parece apenas a adolescencia, o começo da juventude.

O Brasil já teria chegado áquele fase da vida, se tivesse querido contar a sua entrada no convívio internacional, desde 1815, quando, unido a Portugal e Algarves, passou a fazer parte do Reino-Unido e aqui se constituiu a séde do governo comum.

Ao fim de seis anos, porem, foi interrompida a cordialidade existente entre os membros da União, e começou a luta porfiada, donde resultou separarem-se pelo interesse particular de cada um, para depois se encontrarem irmanados no futuro pelos destinos identicos da mesma origem e as tendencias iguaes da mesma civilização.

O Brasil quiz mostrar ao mundo como usou da liberdade nesse seculo que passou.

Recebendo a visita de Chefes de Estados, de Embaixadores e Enviados das Nações Amigas, quiz dizer-lhes, por factos, como trabalhôu e quanto produziu ; como foi digno da independencia que logrou e deixar julgar se merece, ainda mais, a confiança dos que esperam do seu porvir.

Nenhuma linguagem falará melhor do que o certame que hoje inauguramos.

Ele não se realiza como pretexto para festins, mas como demonstração de esforços extraordinarios de intelligencia consumidos num seculo de actividade, em quasi todos os ramos de trabalho.

Haverá aí mostras desse passado.

Umam servirão para acentuar como os povos devem guardar certos patrimonios legados por seus maiores, exemplos do seu bom gosto e da sua personalidade tecnica ; outras

servirão para abrir os olhos aos que se aferram á rotina e hão de constituir, pela comparação com os produtos aperfeiçoados aqui expostos, benefico estímulo para melhorar e progredir.

Esse ultimo efeito ha de vir, sobretudo, da lição que nos trazem os povos mais adiantados do mundo, cultores das maravilhas de todo genero que facilitaram o bem estar dos homens e concorreram para leva-los, com rapidez, de um a outro extremo da Terra, aproximando-os reunindo-os, tornando possivel conhecerem-se melhor, para um dia, que praza aos céos já tenha chegado, abandonarem as suas desconfianças e prevenções, geradoras de males, e enfrentarem uns aos outros, sómente como hoje, nestes campos de combate do pensamento e do trabalho, donde só resultam beneficios para a humanidade e brilho para a civilização.

Em nome do Governo da Republica, agradeço aos Chefes de Estados, Embaixadores e Enviados das Nações Amigas, a honra que fazem ao Brasil de realçar com a sua presença a solenidade deste acto; e aos representantes da industria e de todas as manifestações do trabalho vindos de tão longe o concurso que nos trouxeram para o bom exito da Exposição comemorativa do primeiro Centenario da Independencia Politica do Brasil".

*

Á noite houve espectáculo sumptuoso no Teatro Municipal, com uma assistencia brilhantissima de convidados do Sr. Presidente da Republica, sendo cantada a opera *Il Guarany*, inspirada composição do Maestro brasileiro Antonio Carlos Gomes.

*

Continuou por dias a comemoração festiva do Centenario da Independencia, realizando-se consecutivamente solenidades e reuniões cuja enumeração é difficil fazer completa:

Missa Campal no campo que se estende ondê foi a Praia do Russell;

Te Deum, na Cathedral Arquiepiscopal;

Banquete oferecido pelo Presidente da Republica do Brasil aos chefes das missões especiaes; e Recepção concorridissima, em Palacio;

Revista Naval.

O Secretario de Estado da Republica

dos Estados Unidos da America do Norte assistio ao lançamento da pedra fundamental do monumento que o seu paiz oferece ao Brasil.

Houve na Embaixada norte-americana Recepção ás altas autoridades, Corpo Diplomatico, delegações estrangeiras e Sociedade Brasileira.

A bordo do *Maryland* foi pela Delegação norte-americana oferecido um almoço ás altas autoridades brasileiras, embaixadores especiaes e Corpo Diplomatico.

A União dos Empregados no Comercio reunio-se para ouvir a Oração Civica de Coelho Netto.

O Embaixador do Mexico ofereceu ao Brasil a imponente estatua de Cuhauteemoc, inaugurando-a no local em que está.

Houve mais:

Recepção na Embaixada do Chile;

Recepção e Baile na Embaixada da Inglaterra;

Baile a bordo do encouraçado *Hood*;

Banquete da Embaixada Especial da Republica Argentina em homenagem ao Sr. Presidente da Republica do Brasil;

Sessão solene da Universidade do Rio de Janeiro em homenagem aos delegados universitarios nossos hospedes;

Banquete das delegações municipaes de Buenos Aires, Montevideo, Cordoba, Santiago e Valparaiso ao Conselho Municipal do Rio de Janeiro;

Recepção do Embaixador Francês aos diplomatas presentes no Rio de Janeiro, e á Sociedade brasileira;

Almoço oferecido pela Marinha Brasileira á officialidade dos navios de guerra surtos na Baía de Guanabara;

Recepção e Baile oferecido ao Governo e á Sociedade Brasileira pelo Embaixador Extraordinario da Belgica;

Jantar oferecido pelo Ministro do Japão ás autoridades brasileiras, embaixadores especiaes e Corpo Diplomatico;

Baile oferecido pelo nosso Ministro das Relações Exteriores ás missões especiaes e ao Corpo Diplomatico;

Garden Party oferecido pelo Congresso Nacional Brasileiro aos congressistas e parlamentares estrangeiros;

Banquete em caracter intimo do Sr. Presidente da Republica ao Embaixador Especial da Santa Sé;

Garden Party oferecida pelo Dr. Linneu de Paula Machado, Presidente do Jockey

Club do Rio de Janeiro á Directoria do Jockey Club de Buenos Aires ;

Sessão especial do Congresso Nacional para votação de uma Moção Congratulatória ;

Recepção oferecida pelo Presidente do Brasil á Sociedade Carioca em homenagem ao Presidente de Portugal ;

Parada Infantil, desfilando pela Avenida Rio Branco, militarizados, 4.600 alunos de institutos e colégios officaes e particulares, es-coteiros, e patronatos agricolas ;

Corridas, nos hipodromos do Derby e do Jockey Club ; Festa Veneziana, na Enseada de Botafogo ; exposições agricola e pecuaria ; Olimpíadas ; grandes fogos de artificio em varios pontos da Cidade.

Enriquecendo o programa comemorativo, reuniram-se no Rio de Janeiro as seguintes colectividades, celebrando sessões regulares com variado e sempre grande numero de membros vindos de toda parte :

Congresso Americano da Criança ;
Congresso das Associações Comerciaes do Brasil ;

Congresso Americano de Expansão Económica e Ensino Commercial ;

Congresso Brasileiro do Carvão ;

Congresso Brasileiro de Ensino Secundario e Superior ;

Congresso Brasileiro de Esperanto ;

Congresso Brasileiro de Farmacia ;

Congresso Brasileiro de Quimica ;

Congresso de Estradas de Rodagem ;

Congresso de Estudantes de Escolas Secundarias ;

Congresso Carmelitano Nacional ;

Congresso Espirita Internacional ;

Congresso Eucaristico ;

Congresso Ferro-Viario Sul Americano ;

Congresso de Inspectores Agricolas ;

Congresso Internacional de Americanistas ;

Congresso Internacional de Engenharia ;

Congresso Internacional de Febre Aftosa ;

Congresso Internacional de Historia da America ;

Congresso Juridico ;

Congresso Nacional de Agricultura e Pecuaria ;

Congresso de Operarios em fabricas de Tecidos no Brasil ;

Congresso Nacional de Praticos (Medicos) ;

Congresso de Protecção e Assistencia á Infancia (com Inauguração do Museu da Infancia fundado pelo Dr. Moncorvo) ;

Congresso Regional de Igrejas Evangelicas ;

Conferencia Americana da Lepra ;

Conferencia Brasileira de Mulheres ;

Conferencia do Ensino Primario ;

Conferencia Internacional Algodoeira.

*

* *

Verdadeiro acontecimento, como o fôra, dois anos atrás, a vinda do Rei Alberto, da Belgica, foi a visita do Presidente da Republica de Portugal, Sr. Dr. Antonio José de Almeida.

Não lhe foi possível estar aqui no dia 7, mas chegou no dia 17, havendo de bordo do *Porto* que o transportava, desferido, pelo telegrafo sem fio, esta Mensagem que logo penetrou no coração do povo brasileiro :

“Ao entrar na baía de Guanabara, a melhor baía do mundo tenho a honra de saudar o Brasil, uma das mais possantes e formosas patrias que tem existido sobre a Terra. Venho visitar este paiz de maravilhas com a trémula emoção de quem pratica um acto religioso, em que o espirito se sente arrebatado para além do espaço e do tempo, contemplando absorto, o esforço sobre-humano das gerações predestinadas. Colaboradores da mesma obra de civilização, tão juntos temos trabalhado, brasileiros e portugueses, que para sempre ficámos irmãos ; irmãos, mais nos aproximamos ainda no momento do centenario da vossa independencia, em que as duas patrias como que suspendem o vôo na sequencia de um destino eterno, para se unirem sob a asa da sua tradição ancestral, como duas aguias oriundas dos cerros da Lusitania que quizessem sentir por um instante o calor e agasalho comum. Homem simples e modesto, figura transitoria da vida publica do meu paiz, por mim, brasileiros, nada vos posso trazer que tenha valor. Mas no meu coração conjuizo até vós um sentimento imorredouro que é o amor dos portugueses á vossa patria acolhedora e resplandecente, Patria fecunda e generosa onde, como se fôra na sua, devotados á terra e respeitando as leis, trabalham honradamente tantos filhos queridos de Portugal. E mais, ainda, se é possível, do que o proprio orgulho de ser chefe do grande povo que, outrora, fez uma patetica criação de mundos, experimento a imerecida fortuna de ser o mensageiro da fraternidade inviolada que a

minha terra sente pela vossa terra admiravel.
Aguas brasileiras, 16 de setembro de 1922. —
ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA.”

A bordo do *Porto* chegou pouco depois
este radiograma:

“Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1922
— Tenho grande prazer em apresentar a
V. Ex.^a, Senhor Presidente da Republica
Portuguesa, os cumprimentos de boas vindas

A estada do Presidente de Portugal no
Rio de Janeiro, entre 17 e 27 de Setembro de
1922 foi uma sucessão quotidiana de de-
monstrações affectuosas. S. Ex.^a, poudé apre-
ciar o espirito fraternal das duas nacionalida-
des, a alta cultura do povo que descendia da
radiante cultura lusiada, e o grande esplendor
da metropole, que, ha 355 anos, portugueses
fundaram nesta parte da America. S. Ex.^a
reconheceu o trabalho dos ultimos cem anos
de vida nacional, a obra genuinamente brasi-
leira do ultimo quarto de seculo transforman-



DR. EPITACIO PESSOA

e as saudações muito cordiaes do povo do
Brasil, no momento em que o *Porto*, nave-
gando em aguas brasileiras, se aproxima desta
Capital, que espera V. Ex.^a com demonstra-
ções da mais viva simpatia e cordialidade. —
EPITACIO PESSOA.”

O desembarque do Presidente de Por-
tugal, recebido pelo Presidente do Brasil, num
Domingo luminoso, passando por deante das
forças militares que em duas alas guarnece-
ram o trajecto desde o Arsenal de Marinha
até o Palacio Guanabara, e sob as aclamações
do povo que affluira para vê-lo e sauda-lo, foi
uma nota galantissima que brilhou nos brilhos
festivos da comemoração do Centenario.

do, saneando, embelezando a Capital do Brasil.

O Presidente de Portugal confessou-
se deslumbrado em discursos calorosos, elo-
quentissimos que de improviso proferio na
Festa Popular da Exposição, no Gremio Re-
publicano Português, no Supremo Tribunal
Federal, no Gabinete Português de Leitura,
na Sociedade Portuguesa de Beneficencia, na
Academia Nacional de Medicina, na Camara
Portuguesa de Comercio, no Congresso Legis-
lativo, na Escola Naval, no Banquete que lhe
ofereceu o Presidente do Brasil.

Estão publicados alguns dēles. O que
foi pronunciado no Congresso mostra bem a
grandeza e a formosura do orador ; mas re-
produzirei aqui somente o da pragmatica, res-
pondendo á saudação do Presidente do Brasil

no banquete que lhe ofereceu em Palacio no dia seguinte ao da chegada. E como a saudação é tambem um primor de eloquencia cordial, estampo gostosamente as duas orações.

Assim falou o Dr. Epitacio Pessoa.

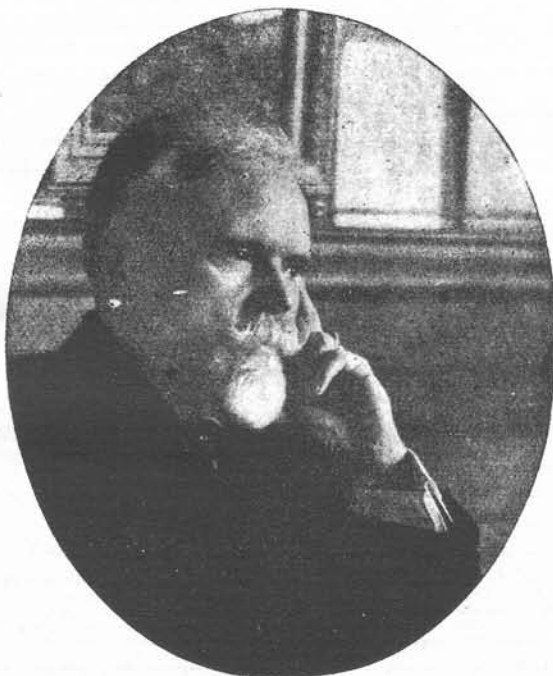
"Sr. Presidente !

A visita de V. Ex.^a a esta Capital, no momento em que o Brasil comemora o primeiro centenario de sua independencia politica, tem tão alta significação, e importancia

se, mesmo em 1822, tantos portugueses de nascimento se bateram ao lado dos brasileiros pela obra da Independencia ?

Não ! A guerra da Independencia não foi uma luta de brasileiros contra portugueses, mas de brasileiros e portugueses, aliados entre si, contra a orientação retrograda e impolitica das Côrtes de Lisboa, empenhadas em destruir a obra que varios seculos haviam já consolidado — a unidade nacional dentro da imensa vastidão do nosso territorio.

Ninguém mais trabalhou pela independen-



DR. ANTONIO JOSE DE ALMEIDA

transcendente, que bem justifica a profunda comoção com que é recebida por todos os brasileiros.

Espíritos menos observadores poderão, talvez, acreditar que, nessa comemoração, á qual a presença de V. Ex.^a dá excepcional relevo, se dissimula o jubilo nacional pela vitoria que os brasileiros alcançaram contra os portugueses em 1822. Um exame menos superficial do acontecimento, porem, logo dissipa o equivoco, e mostra a toda a luz que o que estamos festejando, neste momento historico, é antes uma data da raça.

Porque não haveria Portugal de comemorar hoje conosco a emancipação politica de um paiz que elle descobriu, povoou e defendeu contra a cobiça dos invasores ? Porque,

cia do Brasil do que D. João VI que, nos seus treze anos de administração, cuidou exactamente de preparar o paiz para o Governo de si mesmo, abrindo-lhe os portos, dando-lhe arte, escolas, academias, bibliotécas, imprensa, liberdade de comercio e de industria, meios de transporte, vias de comunicação, exercito, armada, cultura, em uma palavra, tudo quanto podia conduzir-nos á vida de soberania. Fe-lo com o proposito declarado e firme de formar, no Brasil, o grande imperio do futuro. Quando elle partio, em 1821, já o nosso paiz tinha seis anos de vida como Reino, com a sua politica, a sua justiça, a sua administração e o seu credo religioso — condições essenciaes á formação da nova nacionalidade. Essa formação já o velho monarca a

previa, tanto que, ao deixar as nossas plagas, aconselhava o filho a pôr na cabeça a nova corôa antes que o fizesse qualquer aventureiro.

Assim, pois, o grito do Ypiranga — dado pelo filho ás margens do ribeirão paulista — nada mais foi do que a consequencia logica dos actos do pai. Esse grito, partido da alma portuguesa de D. Pedro, com aplausos de portugueses e filhos de portugueses, não foi nem podia ser um brado de guerra contra Portugal, mas um protesto vibrante contra os desatinos das Côrtes de Lisboa.

Fez-se a Independencia.

As relações entre os dous povos ou, melhor, entre os dous ramos do mesmo povo, que a força irresistivel da evolução natural desunira sem separar, ou cujos corpos separara sem as almas desunir, nem foram, a bem dizer, interrompidas. Os portugueses que ficaram conosco não se sentiram, em 1822 como não se sentem hoje, em terra estranha. As forças mandadas de Lisboa pelas Côrtes hostis, não tiveram contra si apenas os brasileiros feridos no seu orgulho, mas também os portugueses liberaes, indignados com a dictadura colectiva dos deputados da Regeneração.

Portugal, pelo seu Rei, preparara o Brasil para a Independencia, como o pae prepara o filho para a maioridade. O 7 de Setembro de 1822 é, pois, uma data luso-brasileira, é uma data da Raça. E, assim, nada mais natural que os dous povos, unidos outrora por esse espirito de justiça e de liberdade, de progresso e de empreendimentos ousados que levaram os portuguezes ao descobrimento e impeliram os brasileiros á Independencia, se reunam hoje também, com a amizade e o carinho de sempre, para festejarem juntos um acontecimento que a ambos deve encher de orgulho.

É, portanto, Sr. Presidente, com o mais intimo regosijo que, em nome da Nação Brasileira, e no meu proprio nome, saúdo ao glorioso Portugal, na pessoa de V. Ex.^a, em cuja honra levanto a minha taça."

Assim respondeu o Sr. Dr. Antonio José de Almeida :

"Sr. Presidente !

A emancipação politica da grande Patria que é hoje o Brasil foi um facto espontaneo e normal, consequencia de uma evolução inexoravel, que nenhuma força seria capaz de impedir.

A Independencia do Brasil não data do grito de Ypiranga, como á primeira vista podia supor-se ; ela partio de mais longe, porque se vinha formando lentamente na consciencia nacional, visto que de facto, o Brasil, apesar de colonia, foi desde cedo nação, tendo mais condições de vida, propria do que tantos outros povos que, ao longo da Historia, com apparencia de independentes, mais não foram do que organismos subordinados a outros mais poderosos que os dominaram.

O nervosismo, mais feito, afinal, de desolação e despeito do que de má vontade, que, em Portugal, se manifestou logo após o acto definitivo da Independencia, desapareceu sem demora, porque aqueles, que lá lutavam contra uma forma de governo retrograda e reaccionaria, compreenderam que se, para elles, a fórmula da propria independencia individual e colectiva era a revolução liberal, aqui, no Brasil, a revolta contra a mesma opressão só podia revestir um aspecto — o da Independencia.

Como V. Ex.^a, acaba de dizer, com firme exactidão e escrupulosa verdade, Portugal descobriu, povoou e defendeu contra a cobiça, dos estrangeiros o vasto territorio do Brasil.

O Brasil independente de hoje tem pois que agradecer a Portugal o facto de elle lhe ter legado, intacto, á custa de torrentes de sangue e torrentes de lagrimas, tamanho e tão rico patrimonio. Mas Portugal tem que agradecer ao Brasil independente de hoje a energia, a bravura, a intelligencia e o amor da Raça com que elle tem sustentado, aumentando-a, desenvolvendo-a e dourando-a de uma maior majestade e beleza, a sua obra, que foi a maior gloria do seu grande passado.

Creio que estamos pagos perante a Historia.

Nenhum povo deve menosprezar as honradas origens que teve ; e nenhum povo tem o direito de olhar com resentimento ou tristeza sequer a separação do seu todo daquella parte que, no exacto cumprimento dos destinos nistericos, uma vez sentio em si a acção de forças indomaveis que a levaram ao legitimo afastamento.

É esse o motivo que determinou V. Ex.^a a render, neste momento, um sentido culto a Portugal. É essa a razão que me impele a mim, a prestar profunda e comovida homenagem ao Brasil.

V. Ex.^a o disse : o Sete de Setembro é uma data luso-brasileira ; e celebra-lo é realizar uma festa da Raça.

Em verdade, nesta data ha gloria que chegue para todos. Sómente eu, Senhor Presidente Dr. Epitacio Pessoa, devo declarar

francamente que não vim aqui com mandato da minha Patria para tomar a porção de gloria que lhe pertence. Eu vim aqui no exclusivo intuito de reconhecer aquella outra, e bem grande ela é, que cabe em partilha ao Brasil.

E nesta missão de que venho investido, e que teve ontem tão auspicioso inicio na maneira inexcédível de entusiasmo e carinho com que V. Ex.^a, o seu governo, as autoridades civis e militares e o povo quizeram receber-me, ao entrar nesta formosa Cidade, estou reconhecendo por mim proprio, o que já sabia por depoimentos alheios, isto é, que o Brasil tem sabido crear uma civilização propria que é, em parte, feita da velha tradição portugueza, em parte devida ao forte e sadio ambiente americano; mas, sobretudo, é o resultado do esforço intrepido e inteligente dos homens resolutos que o povoam, e na verdade se formaram um estado de alma colectivo, poderoso e resplandecente, a que, com justeza se deve chamar brasilidade, — força nova, serena e ousada que está intervindo eficazmente nos destinos do mundo.

Brasil e Portugal são duas Patrias irmãs, cada uma vivendo em sua casa, tendo um passado até ha cem anos comum, e um futuro, em muitos pontos, diverso, mas, em tantos outros equivalente.

Os brasileiros sentem-se em Portugal como na sua Patria.

Os portuguezes, em vastos nucleos de trabalhadores, sentem-se no Brasil, como na sua propria terra. As mesmas instituições republicanas, embora sob aspecto diferente, governam e dirigem as duas Nações, que têm dado provas de amar sinceramente a Democracia.

Uma lingua incomparavel que retine o melhor ouro de linguagem humana, e dispõe de um poder plastico sem igual, serve — maravilhoso instrumento de civilização e solidariedade — os dois povos que se sentem presos nas espiras desse verbo quasi divino.

Que outra cousa é preciso para que eles se auxiliem sempre e se entendam cada vez mais? Creio que cousa nenhuma, já que o sentimento fraterno que enleia os seus corações, perenemente, alvoroçados pela estima comum, é tão forte, que em caso nenhum a vontade dos homens o pode quebrar. E o nosso encontro aqui, Senhor Presidente, é um eloquente testemunho dessa esplendida realidade.

Senhor Presidente!

Em nome da Nação Portuguesa, e no meu proprio nome, agradeço a V. Ex.^a, e ao Brasil, a entusiastica e comovida recepção que me fizeram, e de que guardarei perduravel

recordação; e erguendo a minha taça em honra a V. Ex.^a, e do grande povo de que é chefe eminente, faço votos sinceros pelas suas mutuas felicidades."

*

* *

A Exposição completou-se demoradamente. Os pavilhões estrangeiros que margeavam a Avenida das Nações, e que, também, se ergueram, atraentes, na Praça Mauá, attestaram o já conhecido poder industrial e capacidade creadora de nações europeas, asiaticas e americanas; assim como os pavilhões nacionais afirmaram possibilidades surpreendentes da nossa Industria; e as riquezas naturaes do Brasil foram brilhantemente expostas

O Pavilhão de Estatistica agradava e empolgava; ali o visitante era, por meio de simbolos e de algarismos, levado ao conhecimento de realidades que ignorava.

Imigração, nacionalidades, nascimentos, casamentos, obitos, instrução, agricultura industria, importação, exportação, estatistica pecuaria, tudo ali se mostrava impressionantemente; sob todos os pontos de vista o Brasil foi estudado e exposto aos olhos do visitante.

De lá transporte para aqui somente alguns algarismos referentes ao Rio de Janeiro. São do recenseamento de 1920:

População: 1.157.873 individuos; 917.481 brasileiros, 239.129 estrangeiros, sendo 172.338 portuguezes; 21.929 italianos; 18.221 espanhoes; 6.121 arabes; 3.538 franceses; 2.885 alemães; 2.057 ingleses; 1.370 argentinos; 1.022 norte-americanos...

Podem-se distinguir, ainda, 598.307 adultos masculinos; 559.566 mulheres adultas; 540.877 brasileiros letrados; 200.925 analfabetos! 163.086 estrangeiros letrados e 73.150 analfabetos!

Esta secção da Exposição foi organizada pelo Director Geral de Estatistica, Dr. Bulhões Carvalho.

*

Notaveis concertos se realizaram no Palacio das Festas, interior e exteriormente. A concurrencia de visitantes á Exposição, sempre grande, mantinha cheios de admiradores os pavilhões da Argentina, America do Norte, Inglaterra, Mexico, Noruega, Tcheco-Slovacia, Portugal, Japão, Italia, Belgica, França — cada qual com suas especialidades, seu cunho

característico, seus primores manufactureiros, seus engenhos, suas utilidades. Fizeram-se conhecidos muitos artigos novos, houve intercambio de relações commerciaes. Lucrou o nosso mercado, lucraram os mercados estrangeiros, todos alargando a esfera de suas transacções. E o fino espirito de quem sabe gozar as belas artes extasiou-se com a mobiliario e tapeçaria do Pavilhão de Honra da França, com os formosos quadros e soberba prataria artistica de Portugal e com as delicadas esculturas italianas. Todos os produtos da prodigiosa actividade humana apareceram neste certame faus-

toso que pela primeira vez se abriu em cidade brasileira.

Ao estandarte da Independencia que desfraldámos em 1822 trouxeram em 1922 seu convívio affectuoso os lindos estandartes de tantas nações laboriosas. Oxalá que esta harmonia, esta associação de esforços nunca desfaleçam; que as nacionalidades que nos visitaram sempre nos estimem como nós as prezamos, e sempre, todas as bandeiras se encontrem reunidas para o Progresso, e para a felicidade humana.

